



HAL
open science

Poética do Condomínio Barão de Mauá. Como restituir a persistência do meio de vida em uma área contaminada?

Cintia Okamura, Jacques Lolive, Patrick Romieu, Jean-Paul Thibaud, Nicolas Tixier

► To cite this version:

Cintia Okamura, Jacques Lolive, Patrick Romieu, Jean-Paul Thibaud, Nicolas Tixier. Poética do Condomínio Barão de Mauá. Como restituir a persistência do meio de vida em uma área contaminada?. Rozestraten, Artur. Imagens Urbanas - cidade doce e bem-estar na cidade - reimaginar a habitação precária, Anablume Editora, pp.299-317, 2021. halshs-02943484

HAL Id: halshs-02943484

<https://shs.hal.science/halshs-02943484v1>

Submitted on 19 Sep 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Poética do Condomínio Barão de Mauá. Como restituir a persistência do meio de vida em uma área contaminada?

Autores* : Cintia Okamura, Jacques Lolive, Patrick Romieu, Jean-Paul Thibaud, Nicolas Tixier

* Os cinco autores têm uma contribuição equivalente na elaboração do presente artigo

Como habitar em uma área contaminada como o Condomínio Barão de Mauá, um conjunto residencial localizado na cidade de Mauá, a 30 km de São Paulo? Os edifícios foram construídos em uma área contaminada que foi descoberta após a explosão mortal causada por metano, em 25 de abril de 2000. Desde essa data, os processos judiciais estão em andamento, mas se arrastam, e os moradores do condomínio continuam expostos ao duplo risco, de contaminação por carcinógenos e explosão por metano. Nossa pesquisa propôs analisar essa situação sob a ótica do meio antrópico, restituindo a persistência do meio de vida em uma área contaminada. Para tanto, optamos por combinar uma abordagem sensível **dos modos de habitar** com uma abordagem em termos de políticas públicas. Trata-se de **considerar** a experiência sensível de um território de risco (abordagem das ambiências) e relacioná-la com a sua história social, ambiental e política (análise das controvérsias). A imersão antropológica realizada pelos pesquisadores, durante cinco dias no condomínio, permitiu melhor compreender a forma como esse território de risco é habitado e vivenciado por seus moradores. O primeiro movimento da análise conta uma história triste: como a contaminação degrada um meio de vida e seus habitantes. Nesse sentido, a explosão mortal constitui um acontecimento fundador que inaugura a suspensão de toda a evolução do condomínio. Os edifícios inacabados, edifícios fantasmas sem portas ou janelas, cuja construção parou no dia da explosão, são testemunhos desse acontecimento. O terreno baldio se prolifera ao redor e se torna um símbolo de insegurança para alguns moradores, pois serve de refúgio para jovens viciados em drogas e abriga mosquitos transmissores da dengue. Os habitantes suspendem suas decisões (sair, alugar, vender, comprar, renovar). Eles aguardam os resultados das decisões judiciais, possíveis indenizações e o tratamento do risco de forma mais satisfatória. Nesse ínterim, não há um plano possível de desenvolvimento do bairro. O dramático acontecimento foi um verdadeiro trauma para os moradores cujos depoimentos expressam o sofrimento: o sonho virou pesadelo, o terror de morar aqui, os distúrbios psicológicos, a estigmatização de que são objeto e as doenças vinculadas à contaminação. Eles também traduzem uma perda de confiança nos pontos de referência sensíveis. Parece que os cheiros e a visão não são mais confiáveis, os sentidos dos habitantes são **enganados**. Apesar de sua bela aparência, não se pode comer as frutas das árvores do condomínio. Elas são "reservadas" aos pássaros. Assim, a onipresença do risco no condomínio enfraquece os alicerces sensíveis do modo de habitar e enfraquece as relações do morador com o meio em que vive. Como restabelecer a conexão entre o habitante e o seu meio de vida? Aqui entra o segundo movimento da análise, que visa resgatar o trabalho multiforme dos moradores para tornar habitável a área contaminada. Essa tentativa de afastar o medo e os esforços para viver nessa área contaminada, por exemplo, são traduzidos na produção de um "lar doce lar": o gramado limpo, os bichinhos de gesso e o kitsch invasivo. A vontade de morar no condomínio apesar do risco se expressa com força: o condomínio é muito tranquilo, seguro. A vida ainda está aí. Desenvolveu-se entre os moradores uma solidariedade, mistura de apego a um **lar coletivo**, de ações públicas e de competências. Se o espaço do condomínio não possui espaço público, nem espaço coletivo, são estabelecidos locais de encontros, debates e trocas: os estacionamentos, o espaço ao redor dos portões de entrada, as guaritas, os corredores dos prédios ... Após cinco dias de encontros, percebemos nos relatos das pessoas um possível reencantamento do lugar, sem estar sempre esperando por uma remediação ou uma compensação. Para concluir, a poética urbana é uma perspectiva pertinente para analisar o habitar em áreas de risco. Enquadra-se no caos criativo de uma sociedade de risco da qual a aglomeração de São Paulo é um bom exemplo.

Introdução

Como habitar em uma área contaminada como o Condomínio Barão de Mauá, um conjunto residencial localizado na cidade de Mauá, a 30 km de São Paulo? Composto por 54 edifícios ocupados por cerca de 7000 pessoas, o condomínio foi instalado em 1996, em um terreno pertencente à empresa de amortecedores COFAP que havia enterrado resíduos sólidos industriais, principalmente resíduos de fundição. Como não havia controle do terreno pelos proprietários, outras substâncias tóxicas, de origem desconhecida, foram depositadas ilegalmente. Os edifícios foram, portanto, construídos em uma área contaminada por compostos orgânicos e inorgânicos, alguns deles voláteis, incluindo metano, benzeno, clorobenzeno, trimetilbenzeno e decano. A consciência da contaminação foi provocada pela explosão, provavelmente causada pelo metano, ocorrida em abril de 2000, durante a manutenção de uma bomba

em uma das caixas d'água subterrâneas instaladas no condomínio, que matou um trabalhador e queimou gravemente outro. Desde aquela data, os processos judiciais estão em andamento, mas se arrastam, e os moradores do condomínio continuam expostos ao duplo risco, de contaminação por substâncias cancerígenas (em especial o benzeno e seus derivados) e de explosão por metano.

Nossa pesquisa propôs analisar essa situação sob a ótica do meio antrópico, restituindo a persistência do meio de vida em uma área contaminada. Para tanto, optamos por combinar uma abordagem sensível dos modos de habitar com uma abordagem em termos de políticas públicas. Trata-se de levar em conta a experiência sensível de um território em risco (abordagem das ambiências) e relacioná-la à sua história social, ambiental e política (análise das controvérsias). A imersão antropológica realizada pelos pesquisadores, durante cinco dias no condomínio, em junho de 2015, possibilitou melhor compreender a forma como esse território de risco é habitado e vivenciado por seus moradores. A primeira parte deste artigo apresenta a história do local e como a contaminação degrada o meio de vida dos moradores. A segunda parte mostra os esforços dos moradores para habitar esta zona contaminada. Concluiremos com a abordagem metodológica original que nos permitiu restituir a complexidade das situações de vulnerabilidade em uma área contaminada.

Como a contaminação degrada um meio de vida e seus habitantes

O primeiro movimento de análise conta uma história triste: como a contaminação degrada um meio de vida e seus habitantes. A análise das controvérsias permitiu restituir a complexa história do Condomínio Barão de Mauá, sua vida pública com alguns destaques que transformaram a percepção dos moradores e fizeram evoluir a polêmica. Em 1995, a venda do terreno contaminado da empresa de amortecedores COFAP foi aprovada pela Prefeitura. Portanto, de acordo com um morador *“todos sabiam que havia lixo. O hospital, a COFAP, outras empresas, todo mundo estava jogando lixo aqui”*. Este acontecimento vai, mais tarde, provocar a indignação dos moradores pelo desrespeito das instituições para com eles, em particular da prefeitura. Em 20 de abril de 2000, ocorreu uma explosão no condomínio, matando um trabalhador. Este acontecimento dramático provoca pânico entre os moradores e é fundador porque inaugura a suspensão do condomínio (veja abaixo). É um verdadeiro trauma, especialmente para quem testemunhou a cena. Os outros moradores agora vivem com medo de uma possível explosão. Em agosto de 2001, a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo convida a imprensa e também os 9 (nove) síndicos do condomínio (os síndicos ou administradores do condomínio são indicados pela assembleia geral do condomínio, eles são responsáveis pela gestão de um ou mais edifícios) para comparecer à CETESB a fim de comunicar aos mesmos os resultados do primeiro estudo sobre as causas da explosão. O encontro com a imprensa ocorre às 10h, e com os síndicos, às 11h. Esta primeira reunião pública provoca um sentimento de injustiça nos habitantes. *“Fomos informados pelos jornalistas quando éramos os principais interessados”*. Antes do encontro com os síndicos que levariam a informação, os moradores são informados pela imprensa de forma sensacionalista *“As 52 substâncias cancerígenas. O Chernobyl do Brasil”*. O evento vai aumentar a ansiedade dos moradores já assustados com a explosão. Em 26 de setembro de 2006, o Juiz da 3ª Vara Cível de Mauá decide sobre a indenização dos moradores e a demolição dos 72 prédios do Condomínio. Em setembro de 2007, o Procurador do Meio Ambiente de Mauá decidiu suspender a ação judicial e firmar um Termo de Ajustamento de Conduta com a COFAP para que ela apresentasse um plano de recuperação ambiental. Essas mudanças nas posições legais e um procedimento demorado causaram decepção e raiva entre os moradores. A remediação, a descontaminação do local, começou somente em 29 de outubro de 2014, mais de quatorze anos após a explosão!

A análise das controvérsias também buscou descrever a posição de cada um dos atores sociais (administrações, empresas, políticos, comunidade mobilizada etc.) o que permite explicar parte dessa conturbada história de contaminação. Cada um dos atores oferece sua própria solução de acordo com sua visão do problema, sem dialogar com os demais. Por exemplo, para os moradores mobilizados, a solução é uma indenização para reparar o desrespeito a que foram submetidos. Para os nossos interlocutores do Ministério Público, só uma decisão final da justiça poderá pôr fim ao conflito que se alimenta da indignação da população. Para o serviço de áreas contaminadas da CETESB, a solução é um bom plano de comunicação de risco que permitirá **restabelecer** o contato com os moradores. Para os nossos interlocutores da secretaria da saúde, a utilização da metodologia epidemiológica da ATSDR (Agency for Toxic Substances and Disease Registry) pode contribuir para a resolução do problema de exposição da população ao benzeno. Se cada instituição defende uma posição diferente, é sem dúvida porque cada uma define a sua ação e as suas prioridades no seu campo de intervenção e também porque cada uma define as suas prioridades em função das imperfeições da sua ação. Essa gestão errática do risco pode ser interpretada como um processo de aprendizagem coletiva não direcionada,

porque ninguém realmente sabia como lidar com essa situação sem precedentes, ninguém tinha uma estratégia real. Esse aprendizado progressivo das instituições teve um resultado positivo, a constatação de que as práticas de todos deveriam ser radicalmente alteradas, em particular a concepção de comunicação de risco, e que as instituições não conseguiriam melhorar a situação apenas se contentando com o plano de remediação implementado pela empresa contratada, desde 2014, que visa descontaminar o local. O processo é demasiado longo, se considerarmos os habitantes que estão expostos ao risco há vinte anos, enquanto esta situação é do conhecimento dos responsáveis há quinze anos, quando começa o nosso trabalho de investigação in loco.

Após a investigação das controvérsias, a pesquisa *in situ* se concentrou nas ambiências do condomínio contaminado de Barão de Mauá, e suas pregnâncias sensíveis. Nesse sentido, três aspectos principais emergiram de forma mais específica: em termos visuais, olfativos e sonoros. Visualmente, uma tensão significativa prevalece entre um bairro muito bem cuidado e um bairro deixado ao abandono. Por um lado, estamos lidando com edifícios coloridos e bem conservados, alinhados um após o outro. Em frente a cada edifício existe um pequeno espaço com relva e vegetação muito bem cuidadas, árvores bem aparadas, bancos brancos também para sentar.

Okamura_ICHT2017_IM1.jpg

Um habitat protegido. Fotografia de Nicolas Tixier

Por outro lado, espalhados pelas várias partes do condomínio, encontram-se edifícios inacabados, edifícios fantasmas sem portas ou janelas, mostrando **moelas** no estado bruto, cinzento, **grafitado** e abandonado.

Okamura_ICHT2017_IM2.jpg

Edifício Fantasma. Fotografia de Jacques Lolive

Esses dois lados do bairro funcionam como um espelho um do outro, como se a utopia do bem-estar, do modelo e do pacífico “Lar doce lar” respondesse a uma distopia da desolação, de um território em guerra ou pós-catástrofe. Esses prédios fantasmas dão o tom para todo o condomínio, atraem muito a imaginação e lembram constantemente o estado de risco em que vivem os moradores. Ao nível olfativo, emerge um odor difuso, parece que mais em alguns lugares do que em outros, mesmo que seja difícil identificar e delimitar áreas específicas a este respeito. Segundo os habitantes, a pregnância deste cheiro varia significativamente dependendo do clima. O cheiro é mais perceptível quando chove; também quando está quente, quando o vapor sobe do solo e os odores se espalham de maneira mais uniforme. Enquanto os edifícios fantasmas provocam uma experiência de choque imediato, esta presença do cheiro indistinto, onipresente e indefinido se infiltra de forma bastante sub-reptícia, lentamente, ao longo do tempo. Ela não para de questionar e manter os moradores em uma hiper vigilância mais ou menos inquieta: trata-se de cheiros de metano, o gás que deu origem à explosão ocorrida em 2000, ou é o cheiro do benzeno, indicador de contaminação, ou os dois ao mesmo tempo, ou mesmo uma mistura disso e dos cheiros do complexo petroquímico próximo? Em termos de ruído, muitos moradores se lembram da explosão de 2000, e quando ouvem um barulho repentino, um som de batida, eles não conseguem evitar de pensar na possibilidade de outra explosão. Um estado de vigilância auditiva perdura, como se os habitantes estivessem à espera de um acidente próximo. Além disso, um silêncio enigmático reina em todo o bairro. Podemos ouvir principalmente carros estacionando e às vezes o barulho das obras da empresa contratada para a descontaminação que ressoa muito forte. Após a investigação e escuta atenta, percebe-se que há pouca presença sonora do habitante, ruído da vida e animação humana. Tudo se passa como se o espaço sonoro do condomínio fosse inconsistente, ritmado pelo exterior (bairro muito animado logo em frente), pelos sons difusos da cidade ao longe (barulho da rua principal e do complexo petroquímico), e pelo teto acústico muito baixo (passagem regular de aviões favorecendo a sensação de ser esmagado). Como se os sons do interior não conseguissem realmente ser ouvidos, ou pelo menos não conseguissem criar uma ambiência própria. De forma mais geral, os depoimentos dos moradores mostram uma perda de confiança em pontos de referência sensíveis. Parece que os cheiros e a visão não são mais confiáveis, os sentidos dos habitantes são enganados. Apesar de sua bela aparência, não dá para comer as frutas das árvores do condomínio. Elas são “reservadas” aos pássaros. Os moradores devem aprender a conviver com o risco no condomínio e a vigilância talvez reflita essa tentativa dos moradores de reconquistar a confiança no sensível, renovando os laços com um ambiente que se tornou inóspito.

A explosão mortal constitui um acontecimento fundador que inaugura a suspensão de todo o

desenvolvimento do condomínio. Os edifícios inacabados, edifícios fantasmas sem portas ou janelas, cuja construção parou no dia da explosão, são disso testemunhos. São prédios lado a lado com fachadas surradas, outros em concreto aparente e blocos de concreto, abandonados em construção, e outros, mais raros, repintados, dando o aspecto de novos. No mesmo espaço, deparamo-nos com edifícios habitados e, ao lado, com a ruína destes mesmos edifícios. Aqui o diferente não está na tipologia dos edifícios, são todos rigorosamente iguais (tirando a cor e a orientação), mas no estado do edifício onde todas as temporalidades se juntam produzindo um estranho efeito de espelho do tempo. O terreno baldio prolifera em torno de prédios inacabados e se torna um símbolo de insegurança para alguns moradores, pois serve de refúgio para jovens viciados em drogas e abriga mosquitos transmissores da dengue. O futuro parece suspenso. Suspenso primeiro por uma explosão, provavelmente improvável, mas ainda possível. Mas está sobretudo suspensa aos resultados de inquéritos e pareceres de peritos, da revelação de um nível de toxicidade que obrigue à saída dos habitantes ou de um eventual resultado de análises epidemiológicas que mostrem uma infecção por uma contaminação difusa. Os moradores suspendem seu próprio futuro no futuro deste lugar, o que dificulta a tomada de decisões normais em todas as trajetórias de vida (sair, alugar, vender, comprar, renovar) - quase todos aguardam os resultados de estudos em andamento, decisões judiciais, possível compensação e tratamento de risco mais satisfatório. Entretanto, não existe projeto de desenvolvimento do condomínio possível: não foi construída nenhuma sala comum, portanto desejada, nem possibilidade de instalação de coberturas nos estacionamentos exteriores, porque qualquer nova fundação é arriscada. É igualmente difícil iniciar qualquer renovação de edifícios e até demolir ou transformar o que foi interrompido e agora abandonado.

Um contexto afetivo carregado acompanhou a investigação ao longo de seu andamento. O apego dos moradores ao projeto residencial inicial, o acidente fundador e a revelação da extensão da contaminação, a longa batalha judicial que se eterniza, um sentimento de profunda injustiça, tudo isso contribui para a pregnância de um clima imponente e carregado de afeto. O workshop de reativação fotográfica, realizado na quinta-feira, 4 de junho de 2015, é o testemunho disso. Ele ofereceu um conjunto de fotografias do local (26 fotografias escolhidas pela equipe de pesquisa) aos moradores, para servir de base e catalisador para a discussão. A sessão se transformou em reunião pública e não foi possível haver intercâmbio com os moradores sobre o corpus proposto. Esta sessão foi um verdadeiro ponto alto da investigação, visto que a raiva e o desânimo dos moradores por esta situação dolorosa e bloqueada foram expressos com força. Parece que o trabalho de remediação aciona a lembrança: *“Agora, à medida que vão cavando, a nossa memória começa a emergir ... Quando você vê gente fazendo buracos no chão, quando vem aqui, aí tudo volta para nós na memória, e em particular na memória do medo que tínhamos”*. As reclamações são, antes de mais nada, uma expressão pública de vulnerabilidade quando os participantes falam sobre o seu sofrimento: o trauma de *“quem viu o cara queimado, nu, sem cabeça”*; *“O sonho (de morar aqui) que vira pesadelo”*, o terror de morar aqui *“com esses monstros que parecem prestes a explodir a qualquer momento”*; o estigma a que estão sujeitos *“Só nós estamos nos tornando vítimas hoje. De sonhadores nos tornamos vítimas ... Agora nos tornamos ainda piores. Aí, quando as pessoas (nós) virem: “olha, olha ali: ali está um fantasma”*. E depois quando lembram das doenças ligadas à contaminação, dos filhos que podem ter câncer, dos vizinhos doentes que vão embora, dos exames epidemiológicos e desse caráter difuso da contaminação.

Assim, o primeiro movimento da análise destaca os estragos dessa contaminação prolongada do Condomínio Barão de Mauá. A onipresença do risco neste complexo residencial enfraquece as bases sensíveis de habitá-lo. Isso deteriora o meio de vida dos habitantes, que se tornou um espaço hostil e interrompe suas trocas com as outras comunidades da cidade.

O trabalho multiforme dos moradores para tornar habitável a área contaminada

Apresentamos o segundo movimento da análise, que visa restituir o trabalho multifacetado dos moradores para tornar habitável a área contaminada. Uma área contaminada também é um meio de vida. As entrevistas restituem o esforço de viver nesta área contaminada e a energia do dia a dia que continua. A vontade de morar no condomínio apesar do risco se expressa com força: o condomínio é bom, é tranquilo, seguro *“Digo que gosto muito do meu apartamento. Quando as pessoas dizem, ah, você mora “em Chernobyl” na área contaminada. Não! Eu moro no meu apartamento. Eu moro em casa. Entendido? Eu não moro em Chernobyl. Eu moro na minha casa. Minha casa, não a considero uma lata de lixo. Eu considero uma casa”*. A maioria dos moradores prefere ficar no condomínio Barão de Mauá (CBM) como moradores de uma área contaminada do que *“sair para morar no Jardim Zaira”* (um dos bairros mais populares de Mauá: 100 mil habitantes em um “bairro-favela”). *“Eu gosto deste*

lugar. Eu amo meu apartamento. Eu adoraria ver tudo resolvido. O lugar é bom, o lugar é tranquilo, sabe? Ele está seguro. Nunca tivemos problemas com a insegurança aqui. Exceto agora, com a invasão desses usuários de drogas". Um funcionário conta as amenidades do condomínio "agora é a hora de vir ao CBM, a churrascaria ao lado; preços muito baixos 50.000 reais". Esta tentativa de afastar o medo e os esforços para viver nesta área contaminada se traduzem, em particular, na produção de um "lar doce lar" anglo-saxão. Os pés das edificações do condomínio são constituídos por espaços verdes plantados, mais para o olhar e pouco para o uso, com plantas muito bem podadas, sem estação, algumas em vasos ao lado de bancos decorativos de ferro forjado branco e pequenos bichinhos de gesso que parecem ter sido tirados de uma paródia de Walt Disney.

Okamura_ICHT2017_IM3.jpg

O triunfo do kitsch. Fotografia de Nicolas Tixier

A ocupação é estática, imitada por esses elementos imóveis. Índices do "Lar doce lar", o **gramado** é bem cuidado, com pequenos cartazes com mensagens suaves "Que Deus abençoe esta casa" ou "A felicidade mora aqui".

Okamura_ICHT2017_IM4.jpg

"A felicidade mora aqui". Fotografia de Jean-Paul Thibaud

As estações do ano são representadas nos corredores dos edifícios, principalmente com flores artificiais em vasos, flores em pinturas e quadros de cores. O conjunto contrasta fortemente com os terrenos baldios que se desenvolvem em torno das torres inacabadas e natureza do mato que circunda o condomínio. Apesar de tudo, esses esforços para promover a vida cotidiana parecem permanecer nas garras do evento inicial e do "tempo suspenso" que o acompanha (veja acima). No "Lar doce lar" do Barão de Mauá, na verdade, não há movimento real, está tudo bem, é o mundo da segurança doméstica; no exterior, a natureza real, os animais reais, o barulho, o movimento. Esse trabalho multifacetado para tornar a área contaminada habitável é frequentemente acompanhado pela negação do risco. Em uma entrevista, um morador disse repetidamente que não estava com medo, mas que estava fazendo exames de saúde.

A persistência do meio de vida também se expressa na solidariedade, mistura de apego a um lar coletivo, ações públicas e competências, que se desenvolveram entre os moradores. Se o espaço do condomínio não possui espaço público, nem espaço coletivo, foram estabelecidos locais para encontros, debates e trocas: os estacionamentos, o espaço ao redor dos portões de entrada, os alojamentos dos guardas e os corredores dos edifícios. A expressão das emoções em público, às vezes, está ligada a uma avaliação moral, e as emoções podem, então, formar **o cimento** de uma mobilização. É o caso quando os moradores evocam o desrespeito das instituições para com eles "o poder público só tem uma solução: dar cinco centavos a cada um, para que ele vá à farmácia comprar cinco centavos de remédios. vergonha na cara. Mas aqui os moradores não são lixo. Eu sou um ser humano. E aqui os outros tratam você como m... ". Quando expressam a indignação provocada neles. "Mas minha indignação é pelo desrespeito pelas pessoas, sabe? ... Todos sabiam que havia um lixão ali. A cidade deixou acontecer. A cidade autorizou as moradias. A cidade deu a eles o direito. Você sabe? Todos estão envolvidos. E eles livraram a prefeitura da acusação." Durante as duas sessões da oficina de reativação fotográfica, as emoções sustentaram críticas muito contundentes às instituições, em particular à CETESB, que frustraram as expectativas dos moradores em relação a elas. Nós próprios somos desafiados e criticados, às vezes, com veemência porque parte da equipe é da CETESB.

Após cinco dias de encontros, percebemos nos relatos das pessoas um possível reencantamento do lugar, sem estar sempre aguardando por um remédio ou compensação. Assim, a oficina de reativação fotográfica tornou-se a câmara de descompressão para a expressão de reclamações e reivindicações, uma espécie de passagem obrigatória para que os moradores, uma vez acalmados, pudessem participar das duas outras oficinas de som que aconteciam em salas vizinhas. A investigação sonora e as propostas de escuta coletiva revelaram a ambivalência dos moradores, hesitando entre a raiva e um desejo profundo de reencantamento. Foi assim que a proposta de um "grito coletivo", apresentado como modo de saudação compartilhada entre pesquisadores e moradores, foi recebida, antes de tudo, com uma curiosidade redobrada pelo medo de fazer barulho - como se os riscos de uma contaminação barulhenta e mágica agindo como um lembrete do ruído catastrófico original tornou-se possível - um medo que muito rapidamente deu lugar à perspectiva de um gesto libertador e produtivo. Mesmo que os participantes não fossem muito numerosos, a produção de um espaço sonoro pela voz gritada e

fracamente projetada nas paredes, pela distância, representou certamente, por um breve momento, o desejo intenso de uma forma possível de **devir**.

Assim, parece que a poética urbana é uma perspectiva relevante para analisar os modos de habitar em áreas de risco. Habitar para o homem é transformar o ambiente (os dados ambientais objetivos) de uma forma que seja específica para ele, para torná-lo seu meio de vida (Uexküll 1956, Berque 2000). Esse fenômeno opera em diferentes escalas (do indivíduo, do pequeno coletivo, do grupo social, dos nacionais, da humanidade como um todo). O meio humano é constituído pela maneira como apreendemos as coisas por meio de nossos sentidos, nossas palavras, nossos pensamentos, nossas ações. O meio de vida procede de uma poética, de uma criação estética (e técnica) que se apoia numa colheita parcial, seletiva, orientada, no ambiente dos humanos. O "Lar doce lar" do Condomínio Barão de Mauá pode nos parecer o triunfo do kitsch, mas é uma expressão muito forte da poética urbana para transformar um presente inaceitável em futuro almejado.

A zona contaminada ameaça o meio de vida dos moradores, que é por sua vez enfraquecido pela contaminação química e parcialmente apropriado pelos engenheiros da CETESB e da empresa contratada que a consideram um simples campo de experimentação biofísica. Então, os técnicos da empresa contratada estão por toda parte no condomínio com seus uniformes, suas ferramentas e equipamentos. Mas parece que para eles os moradores são transparentes, eles não falam com eles, não respondem às suas perguntas como se eles não existissem. Com exceção das reuniões de informação obrigatórias, os moradores não eram associados na descontaminação (usamos o imperfeito porque parece que a situação melhorou desde a nossa investigação e desde a criação do fórum das instituições). A produção do "*Home sweet home*" visa assim recriar na zona contaminada um local **preparado e apropriado** que prolongue a habitação e proteja os habitantes. O kitsch é tradicionalmente criticado como um acúmulo de objetos de "mau gosto" (como os animais de gesso "infantis" que parecem ser inspirados nos designs de Walt Disney) embelezados com decorações "supérfluas" (como os pequenos painéis de cor pastel com mensagens reconfortantes). Porém, no caso que aqui nos interessa, esta crítica acadêmica carece do essencial: a mobilização sensível, afetiva e imaginária do kitsch, esta estética "ao alcance de todos os orçamentos, de todas as consciências, de todas as mentes" (Moles, 1971), possibilita instalar o *Home Sweet Home* na zona contaminada como a utopia do bem-estar tranquilo, um meio carregado de significado para grande parte dos moradores do condomínio. As características humanizadas deste meio de vida, acolhedor, cuidado, saturado de sentido, imbuído de sentimentalismo "ao ponto do ridículo", opõem-se de fato, ponto a ponto, ao espaço contaminado, desolado, hostil, perigoso, desprovido de sentido que se procura manter distância. Essa pequena bolha protetora (Sloterdijk, 2002) de bugigangas, de sons e de palavras oferece uma frágil barreira estética, imaginária e sensível contra a contaminação do meio de vida e a progressão conjunta da "**distúrbio**" no sentimento de habitar", segundo a expressão do sociólogo Marc Breviglieri (Tricot, 2012 : 132).

O futuro de um espaço contaminado

Concluiremos com a abordagem metodológica original que nos permitiu restituir a complexidade das situações de vulnerabilidade de uma área contaminada e que **conduz a** uma pesquisa proativa. As duas abordagens, análise de controvérsia e ambiências de risco, mostraram-se muito complementares sob vários pontos de vista: na implementação das várias temporalidades envolvidas na situação de risco (temporalidade longa da história sociopolítica do bairro e curta quando se está interessado na experiência cotidiana dos habitantes), na articulação dos vários níveis de análise envolvidos (análise das lógicas dos atores e das experiências dos habitantes). Essa complementaridade encontra-se nos resultados da análise: as duas abordagens revelam a existência de duas realidades sem comum medida: o mundo das políticas públicas relativamente fechado em si mesmo, onde as ações setoriais das instituições se chocam sem que haja trocas reais ou vontade de colaborar, e o mundo vivido dos habitantes que se dividem entre o constrangimento levando em conta o risco e a aspiração de voltar à normalidade, entre as aflições causadas por uma situação dolorosa e bloqueada e a esperança de uma melhoria nas condições de vida.

Essa **interpenetração** de duas realidades muito diferentes nos permite entender melhor as dificuldades do condomínio. Por exemplo, porque os habitantes não aderiram espontaneamente ao projeto de remediação que parecia ser a solução para algumas das instituições. Para começar a melhorar a situação, propomos conectar os dois mundos para implementar a gestão participativa e de parceria do risco em Barão de Mauá. As duas sessões de restituição de resultados que organizamos separadamente com os habitantes e com as instituições permitiram legitimar a percepção do risco dos moradores e reforçar a consciência **das divisões institucionais** sem culpabilizar os atores. Esta primeira sensibilização, a partir dos resultados da nossa pesquisa, serviu de alavanca para constituir um novo

mecanismo de participação composto por dois fóruns complementares chamados a trabalhar em conjunto, um constituído pelos moradores do condomínio e outro pelas diversas instituições envolvidas. Assim, a articulação dessas duas abordagens possibilitou ampliar a noção de comunicação de risco, dando lugar à percepção qualitativa do risco, à complexidade das situações de vulnerabilidade e conduzindo a uma proposta de comunicação participativa de risco que “inclui o público como agente colaborador” (Covello e Sandman 2001).

Berque A., 2000, *Ecoumène. Introduction à l'étude des milieux humains*, Belin Paris.

Covello V. and Sandman P. M., 2001, Risk communication: Evolution and Revolution in Wolbarst A. (ed.), *Solutions to an Environment in Peril*, John Hopkins University Press, Baltimore, pp. 164–178.

Moles A., 1971, *Psychologie du Kitsch. L'art du bonheur*, Ed. Marne.

Sloterdijk P., 2002 (éd originale 1998), *Bulles. Sphères I*, Paris, Pauvert.

Tricot A. (dir.), 2012, *Capacités d'adaptation des sociétés littorales aux phénomènes d'érosion-submersion en prise avec les changements climatiques*. Rapport de mi-parcours du 4 février 2011, Convention no 0910C0069.

Uexküll J., 1956, *Mondes animaux et mondes humains*, Denoël, Paris.